



Coordenação  
Manuel Matias | Mauro Paulino

# A CRIANÇA NO PROCESSO DE ADOÇÃO

Realidades, Desafios e Mudanças

Título

**A Criança no Processo de Adopção**

Autores

**Manuel Matias e Mauro Paulino**

Design e Paginação

**Arco da Velha**

Impressão

**Caflesa**

1.<sup>a</sup> Edição

**Maior de 2014**

ISBN

**978-989-655-204-6**

Depósito Legal

**376035/14**

Todos os direitos reservados

© 2014 Manuel Matias, Mauro Paulino e Prime Books

**PRIME BOOKS**

[clientes.primebooks@gmail.com](mailto:clientes.primebooks@gmail.com)

[www.primebooks.pt](http://www.primebooks.pt)

---

# ÍNDICE

---

Nota dos Coordenadores	_ 008
- <b>Manuel Matias &amp; Mauro Paulino</b>	
Prefácio - <b>Marcelo Rebelo de Sousa</b>	_ 013
Introdução - <b>Manuel Matias</b>	_ 015
<b>PARTE I - RESENHA HISTÓRICA DA ADOÇÃO EM PORTUGAL</b>	_ 017
1. Do desejo à invocação. Reptos da Adoção à Maternidade e à Paternidade – <b>José Maria Silva Rosa</b> (Universidade da Beira Interior)	_ 018
2. Adoção e Solidariedade: Uma Aproximação Histórica – <b>José Eduardo Franco e Joana Balsa de Pinho</b> (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)	_ 028
3. O interesse da criança/menor no Código Civil de 1867. Uma aproximação aos antecedentes da família oitocentista – <b>Miriam Afonso</b> (Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa)	_ 045
4. A História da Adoção na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa – <b>Alexandra Lima</b> (Santa Casa da Misericórdia de Lisboa)	_ 052
<b>PARTE II - REALIDADES DA ADOÇÃO EM PORTUGAL</b>	_ 055
5. Do Berço Para a Família – <b>Ana Monteiro</b> (Ajuda de Berço)	_ 056
6. A Adoção: Uma Janela Aberta – <b>Manuel Matias</b> (Cooperativa Pelo Sonho É Que Vamos)	_ 060
7. Normalidade ou “excepcionalidade”? O estado da arte na seleção dos candidatos – <b>Fernanda Salvaterra</b> (Instituto da Segurança Social, I.P.)	_ 067

<b>PARTE III - ENFOQUE LEGISLATIVO DA ADOÇÃO</b>	_ 079
8. O Superior Interesse da Criança na Adoção – <b>Armando Leandro</b> (Comissão Nacional de Proteção das Crianças e Jovens em Risco)	_ 080
9. Apadrinhamento civil – aspetos essenciais do seu regime jurídico – <b>Ana Rita Alfaiate</b> (Facul- dade de Direito da Universidade de Coimbra)	_ 089
10. O Processo de Adoção em Portugal: Perspetivas de Magistrados e Assistentes Sociais – <b>Clara Oliveira</b> (ISCTE-IUL)	_ 101
<b>PARTE IV - CÉREBRO &amp; PROCESSOS VINCULATIVOS DA ADOÇÃO</b>	_ 117
11. Nós Somos os Filhos da Roda: A Educação dos Desvalidos da Fortuna Num Mundo Absurdo – <b>Manuel Curado</b> (Universidade do Minho)	_ 118
12. Adoção, vinculação e neurobiologia: algumas reflexões sobre a teoria e a prática – <b>Anneke Vinke</b> (Universidade de Leiden)	_ 135
13. A Liberdade ou o Amor. Mães presas: Que opções para os filhos? – <b>Isabel Nery</b> (Revista Visão)	_ 156
14. Risco e resiliência na adoção: um estudo longitudinal de crianças adotadas em circuns- tâncias ótimas – <b>Marc H. Bornstein</b> (Instituto Nacional de Saúde Infantil e Desenvolvimento Humano Eunice Kennedy Shriver) & <b>Joan T. D. Suwalsky</b> (Instituto Nacional de Saúde Infantil e Desenvolvimento Humano Eunice Kennedy Shriver)	_ 160

<b>PARTE V - REALIDADES INTERNACIONAIS:</b>	_ 185
<b>O QUE DEVEMOS OU NÃO FAZER</b>	
15. Se Esta Casa Fosse Minha... – <b>Carla Anauate</b> (Universidade Nove de Julho) e <b>Leonette Smith</b> <b>Batalha</b> (Orfanato da Família)	_ 186
16. As Adoções têm Sucesso quando se trabalha Muito e Bem: O lugar da Adoção no sistema de Proteção – <b>Antonio Ferrandis Torres</b> (Instituto Madrileño del Menor y la Familia)	_ 204
<b>PARTE VI - A VOZ DOS ADOTANTES E DOS ADOTADOS</b>	_ 219
Testemunhos	_ 220
Considerações Finais - <b>Dália Costa, Mauro Paulino</b> & <b>Joana Teixeira</b>	_ 233
Nota de Encerramento - <b>Mauro Paulino</b>	_ 236
Posfácio - <b>Paulo Guerra</b>	_ 340

# 11. Nós somos os filhos da roda:

A educação dos desvalidos da fortuna  
num mundo absurdo

Manuel Curado

Universidade do Minho

## 1. Um bailado absurdo

No seu livro clássico sobre a *História da beneficência pública em Portugal*, de 1907, Victor Ribeiro<sup>114</sup> começa o capítulo sobre os enjeitados afirmando o seguinte: “É de mui remotos tempos a barbárie de enjeitar e abandonar as pobres criancinhas, e de mui remotos tempos data também a caridade de os receber e criar com maternal carinho”. Depois de mencionar exemplos da Antiguidade, o autor afirma que “em Portugal, onde os exemplos deste género foram sempre bem aceites e imitados com presteza, houve ao certo, desde os princípios da monarquia, dois hospitais de meninos, um em Santarém, outro em Lisboa, aos quais se refere, deixando-lhes bons legados, a Rainha Santa no testamento”. Está aqui a equação perfeita de um problema humano sem solução aparente.

Repare-se no que está em causa. Duas histórias paralelas atravessam os séculos: a história de um dano e a história de uma bondade. O caso português não tem nada de excepcional. O que se passou neste país em particular reitera-se em qualquer outro em que se possa pensar. O facto de o texto aludir ao início da monarquia significa apenas que as duas histórias correm lado a lado desde sempre na vida portuguesa. Mais: as duas histórias correm lado a lado desde sempre, em qualquer país da Europa, continente onde há mais registos, mas tudo indica que correm lado a lado em todos os lugares onde existiram sociedades humanas.

---

114 Victor Ribeiro, *História da beneficência pública em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1907. Os capítulos deste livro tinham sido publicados desde 1901 na revista *O Instituto*, nomeadamente nos números XLVIII (1901), pp. 738-742, 753-757, 828-831, 879-882; XLIX (1902), pp. 17-20, 79-82, 212-216, 267-274, 336-340, 408-412, 471-474, 545-549; L (1903), pp. 23-29, 81-90, 137-142, 202-210, 266-270, 334-341, 396-404, 453-460, 516-524, 588-599, 663-668, 707-715; LI (1904), pp. 1-9, 74-80, 140-151, 203-212, 257-268, 326-336, 407-413, 513-523, 592-599, 654-660; LII (1905), pp. 23-31, 88-104, 194-196, 400-408, 449-455, 513-517, 577-587, 641-649, 706-711; LIII (1906), pp. 1-7, 65-72, 129-138, 258-264, 339-347, 385-393, 577-587, 641-644; LIV (1907), pp. 12-20, 79-86, e 139-145.

O livro admirável de Victor Ribeiro não se ocupa de uma pergunta incômoda a respeito dos acontecimentos que descreve, nem precisaria de a colocar porque se limita à investigação historiográfica. Contudo, há uma pergunta que tem de ser formulada. É esta: por que razão a nossa vida tem estas duas histórias a correr lado a lado há tantos séculos? Esta é indubitavelmente uma pergunta incômoda, porque escapa à sedução das coisas óbvias. Não se sabe, porém, como responder a esta questão. É possível ser testemunha e é possível identificar alguns aspetos do fenómeno, mas não se conhece a ciência que possa acabar com o incômodo. Na falta dessa ciência, só existe a fenomenologia do assunto. A história da bondade rapta de imediato a atenção, impedindo que se repare na existência recorrente de um dano que nunca desaparece. A história do dano, por seu lado, impede que se perceba a completa inutilidade da bondade pela razão óbvia de que, se a bondade fosse bastante, não haveria necessidade de uma bondade adicional em qualquer tempo futuro. Parece, pois, que as duas histórias se alimentam uma à outra num bailado absurdo sem fim.

Mais de um século depois do estudo de Victor Ribeiro, é possível verificar que o bailado absurdo ainda não se deteve. Um leitor otimista da *História da beneficência pública em Portugal*, em 1907, poderia esperar que, numa época futura, o dano viesse a desaparecer e a bondade viesse a não ser necessária. Olhando para trás na história multissecular da beneficência, esse leitor poderia interpretá-la em crescendo, vendo o dano apoucar-se progressivamente e a bondade a dominar a vida coletiva. Nessa altura seria racional esperar que numa qualquer época futura já não exista dano. Contudo, nós somos um dos futuros desse livro, e nada na nossa vida permite ter a esperança de que o bailado absurdo irá terminar algum dia. A antiguidade do fenómeno esmaga toda a esperança.

Vejam-se alguns dados factuais que apontam para que nada de significativo se tenha alterado. Passou um século desde a publicação do livro, mas é necessário acrescentar que passaram nove séculos desde o início da monarquia e vinte séculos em relação à Antiguidade. A bondade nunca teve consequências definitivas e o dano tem sido recorrente. Não há indícios de que qualquer um dos dançarinos deste bailado absurdo esteja cansado. As informações recentes sobre a reabertura da roda dos expostos em muitas cidades da Europa são

inquietantes para a pessoa desprevenida, mas são banais quando se contempla a misteriosa longevidade do fenómeno. Fingindo a surpresa, é possível afirmar que o abandono de crianças parecia um flagelo dos tempos passados. Estes dados mostram, todavia, que esse drama continua a atormentar as sociedades ocidentais e só parece digno de notícia porque surge numa parte do mundo rica e abastada. Os jornais informam que nos últimos doze anos mais de quatrocentas crianças foram deixadas nestes dispositivos. Existem hoje mais de duzentas rodas em países como a Alemanha, a Áustria, a Suíça, a Polónia e a República Checa.<sup>115</sup>

Estas rodas de expostos são beneméritas porque contribuíram para que o lado mais negro da natureza humana fosse atenuado; sem elas, muitos bebés teriam sido abandonados em piores condições ou mesmo assassinados. Esta manifestação de bondade não deve impedir de ver o seu lado patético. Têm sistemas de aquecimento contra o frio do inverno e avisos electrónicos de que algum bebé foi lá colocado. Estes recursos técnicos mostram muitas coisas. Em primeiro lugar, mostram que algumas pessoas e instituições ainda se preocupam com as condições dos bebés abandonados. Em segundo lugar, contudo, mostram que as sociedades como um todo *não sabem* resolver um problema que já tem muitos séculos no Ocidente, e que, não sabendo como resolvê-lo, se conformam com a situação, procurando de modo residual melhorar o pouco que pode ser melhorado. Victor Ribeiro, ao descrever a criação das rodas em Portugal em maio de 1783, por determinação do Intendente Pina Manique, também nota o patético detalhe técnico do sistema: “Uma campainha tangida pelo portador do enjeitado despertava a rodeira; a roda girava sobre si, e a criança entrava naquele antro”<sup>116</sup>. A velha campainha setecentista foi substituída pelos avisos electrónicos e é possível que o frio do inverno tenha sido atenuado. Estas pequenas alterações são, infelizmente, irrelevantes na história longa do assunto.

Estas notícias não tiveram poder para abalar as opiniões públicas dos países envolvidos. Este é um sinal preocupante de como se percebe este assunto. As pessoas tomaram conhecimento da existência

115 Paula Torres de Carvalho, ‘Aumentam na Europa os bebés abandonados em ‘rodas’ modernas’, in *Público*, 11 de junho de 2012.

116 Victor Ribeiro, *op. cit.*, p. 103.



das rodas e conformaram-se. Não parece existir um problema coletivo. O sentimento geral é o de que não há grande coisa a fazer. Existem rodas de expostos assim como ainda existem nesta época outras coisas que ofendem a dignidade humana: tráfico de seres humanos, comércio de órgãos, jovens adolescentes que leiloam na internet a sua virgindade, indústria pornográfica multimilionária e em alguns países um número de homicídios equivalente aos de uma guerra civil. A lista é mais longa obviamente. Não parece haver nada a fazer de significativo. É possível auxiliar, e as sociedades ocidentais têm, como se viu, uma história riquíssima de instituições de auxílio, mas parece que não há nada a fazer para *acabar de vez* com alguns destes dramas humanos, sobretudo com o abandono de crianças. As sociedades contemporâneas sabem *gerir* os dramas mas não sabem como *acabar de vez* com eles.

Tudo isto é surpreendente. A história de uma bondade que se manifesta ao longo dos séculos no auxílio às crianças abandonadas causa surpresa, sobretudo o facto impressionante de que há pessoas e instituições que não se resignam e auxiliam efetivamente quem precisa. Num mundo tão absurdo, a bondade causa sempre surpresa. Também é surpreendente o lado obscuro desta situação, a longevidade de fenómenos malignos que já deviam ter desaparecido há muito tempo. É surpreendente, finalmente, a aparente resignação de países inteiros a este estado de coisas. Trata-se de uma resignação administrativa, que sabe gerir os assuntos mas que não tem a grandeza de alma suficiente para acabar com os problemas.

Mesmo a exceção bonita a este panorama, a história da bondade, é problemática porque, sendo multissecular, está para continuar. Isto é mais do mesmo que a Europa sempre conheceu. Apesar de preciosa, é necessário construir um futuro em que não exista mais dano e em que o auxílio tenda a não ser necessário de todo.

As perguntas que devem ser colocadas são, pois, estas: que educação é possível dar às crianças que estão à guarda de instituições para atenuar o dano inimaginável que elas sofreram, o dano da perda do amor, o dano da perda de confiança, o dano da perda da alma? Como deveríamos estar a educar a sociedade de tal forma que se torne impensável um mundo em que existam rodas de expostos? Estas perguntas são de uma ingenuidade gritante porque presumem que é possível fazer qualquer coisa para melhorar a situação. A proposta de uma

determinada forma de educar é acrescentada a uma lista que inclui instituições de auxílio e rodas de expostos. Parece a um observador apressado que a existência destas instituições e destas rodas não é suficiente, sentindo ele que é necessário fazer algo. Esta é uma suposição difícil de demonstrar. Pode acontecer que a educação seja tão inútil quanto tudo o que no passado já se realizou. Afinal, o passado também teve muitas formas de educação. Ter-se-ia de demonstrar que uma forma de educação é melhor do que as outras. Esta é uma tarefa impossível. Além disso, a evidência de que há de todo um problema a resolver não está demonstrada nem é universalmente aceite. Um dos místicos New Age dos anos 60 e 70, Carlos Castaneda, descreve um grupo de crianças mexicanas que esperam que os turistas acabem de comer nos restaurantes para irem comer os restos que eles deixaram nos pratos. O narrador protesta junto do mestre de sabedoria, dizendo-lhe que ficou muito perturbado por ter assistido a essa cena injusta. O mestre diz-lhe que ele só sente a injustiça da situação porque se considera privilegiado, vendo nas crianças que comem os restos dos outros um sinal de que falta alguma coisa na vida dessas crianças. O problema terrível é o de que a vida humana acontece na terra da morte e não há nenhum privilégio do turista rico em relação às crianças mexicanas pobres que comem os restos do seu prato. Por que razão não há privilégio? A resposta seria longa, mas basta isto: os seres humanos vivem na terra em que todos vão morrer. Não há privilegiados, de facto; parece que há, mas não há, se se reparar na realidade completa da ordem do mundo<sup>117</sup>. Deste ponto de vista, o abandono de crianças, as rodas de expostos e a existência de instituições de auxílio não constituem qualquer problema nem merecem uma reflexão que isole o seu caso e o rotule de 'problema a resolver'. Todos esses fenómenos fazem parte do que, na falta de melhor termo, se poderia denominar a condição humana.

Esta sabedoria é difícil de aceitar e talvez não esteja ao alcance de qualquer pessoa a resignação sábia perante o inelutável. Às crianças da roda e aos meninos mexicanos pode não faltar nada. Mas elas sentem que lhes falta alguma coisa, e nós próprios, que não temos a sabedoria dos místicos, também sentimos que lhes falta alguma coisa. Tudo o que se puder fazer tem de tentar acabar com o sentimento de desamparo

---

117 Carlos Castaneda, *A separate reality*, London, Arcana, 1990, p. 26.

destas crianças e com o sentimento de injustiça sofrida. A formação que lhes dermos tem de lhes dar uma alma, e não apenas uma educação.

As causas destes fenómenos são indubitavelmente muitas. Mas há uma que tem sempre de estar presente. É esta: as ideias que as pessoas têm na cabeça. A mãe que abandona o bebé tem ideias na cabeça; as instituições beneméritas que criam as rodas para evitar males maiores têm um ideário e os seus abnegados membros têm ideias na cabeça; os Estados em que isto acontece têm leis e costumes que manifestam as ideias da sociedade. Os jovens à guarda também têm ideias na cabeça, sobretudo a ideia de que lhes falta alguma coisa que as outras pessoas têm e que, sem culpa, foram vítimas de injustiça desde o início da sua vida. Estas ideias não são fantasmas impotentes na nossa vida; fazem acontecer as coisas. Por vezes, fazem acontecer ainda mais sofrimento.

Uma das ideias mais fortes que tende a perpetuar este estado de coisas é o complexo mítico do abandono. Pertencemos a uma cultura multissecular que tem, desde os gregos, hebreus e romanos, muitos mitos de exposição de bebés aos elementos. Moisés foi abandonado. O rei Édipo foi abandonado. Páris, um dos protagonistas da guerra de Troia, foi abandonado à nascença quando Hécuba, esposa de Príamo, sonhou que daria à luz uma tocha acesa. Em vez de matar o menino, Hécula expô-lo aos elementos no monte Ida. Os fundadores míticos de Roma, Rómulo e Remo, foram abandonados. É muito vasta a lista deste tipo de figuras da nossa cultura e da nossa alma mais profunda. Catálogos desses mitos antigos já foram feitos várias vezes. Há causas sociais, mas não é possível esquecer o poder terrível de atração fatal que o imaginário da criança abandonada tem no psiquismo das sociedades do Ocidente. A literatura ocidental mostra que as pessoas apreciam estranhamente este tipo de histórias. Este é um indício terrível de que é muito provável que continuem a existir mais tragédias humanas de abandono no futuro.

Só há uma forma de limitar esta atração fatal que faz continuar a cansativa história da bondade num mundo que já não deveria precisar de bondade. Qual é essa forma? É esta: alterar muitas das ideias que no Ocidente permitem e propiciam este estado de coisas, ao contrário de outras sociedades em que a família é entendida numa aceção muito mais alargada, o que promove redes de auxílio mais coesas.

O dano que foi feito aos corações e aos espíritos das pequenas pessoas abandonadas e que vivem em instituições é, como se disse, inima-

ginável. A grandeza desse dano só pode ser atenuada pela grandeza da formação que lhes for dada, se tal for possível de todo. Desgraçadamente, as sociedades que permitem as atuais rodas de expostos e o abandono dos menores foram educadas sem grandeza, desconhecendo, por isso, o modo de sarar o dano. É necessário adotar uma educação que compense o dano e que evite danos futuros. Isto é mexer com as ideias. O que se pode, pois, fazer? Como será possível dar uma alma a um jovem que se sente vítima de uma injustiça ainda antes de nascer ou logo nos seus primeiros anos? Como dar uma alma? Este é o único assunto que nos deve interessar. Porquê? Porque os filhos da roda somos nós: somos nós que vivemos numa parte do mundo que tem uma história demasiado longa de abandono de crianças; somos nós que construímos as rodas; somos nós que não nos surpreendemos devido à continuação do mal; somos nós que temos as ideias erradas na cabeça.

## 2. Formação com alma

Em primeiro lugar, a educação tem a agenda maravilhosa de formar na íntegra a pessoa, e não de lhe dar apenas competências técnicas. Em certo sentido, o sistema educativo português *desistiu* de formar pessoas. Se o sistema anda sempre à procura do microscópio que falta, ou das instalações que não são adequadas, ou da reforma que está para vir, perdeu-se o sentido último da educação, que é a formação integral da pessoa. Esta é uma perda muito grande. E a tragédia coletiva é tanto maior quanto muitas famílias delegaram a tarefa de formar a instituições que já não estão vocacionadas para isso. Também a mãe que abandona o seu filho delega tacitamente a vida da criança e a sua educação em instituições que têm um determinado ideário, uma forma de fazer as coisas e de atenuar o dano. Não pode ser coincidência que as exceções que ainda se encontram na educação estejam em atividades que têm obrigatoriamente de formar os seus profissionais, e não apenas de os educar ou de lhes transmitir informação. O ensino da Medicina é uma destas maravilhosas exceções. Ninguém pode ser um bom médico só por saber o que está nos tratados. É necessário formar as virtudes médicas: a reserva, o segredo, a confiança, a dignidade, a dedicação total aos pacientes, a dureza perante a adversidade. O ensino do Direito foi muito estragado pela facilidade com que se

montaram os cursos, mas ainda é possível encontrar a formação ao lado da educação, com as virtudes dos juriconsultos: a dedicação ao cliente, o respeito perante os magistrados, a atualização constante do conhecimento e a utilização ponderada da Lei. Estas exceções mostram que ninguém pode ficar contente com a mera transmissão de conhecimentos sem um quadro de valores que lhes dê sentido. Sem valores e sem tradições, nada há de duradouro. Nas instituições de acolhimento de crianças e no sistema de ensino português há também exceções muito interessantes que permitem reconhecer imediatamente o aluno que nelas foi formado. A capacidade de trabalho dos alunos de algumas instituições e de alguns colégios é conhecida por todo o país. As escolas que desistiram de formar não são, pelo contrário, conhecidas. As escolas que educam mas não formam são fábricas de conhecimento, mas não entram na alma de ninguém, nem dos jovens à guarda, nem dos alunos, nem dos profissionais que lá trabalham, nem das pessoas que contactam com os que lá aprenderam. Uma instituição de acolhimento ou de educação tem de ter uma alma. Mais do que as atividades quotidianas e do que os conteúdos lecionados, o que ficará para o resto da vida dos jovens é essa alma. Décadas depois de saírem da escola que os formou, é muito provável que já não se lembrem desta matéria ou daquela; mas será impossível apagar os valores de retidão e os hábitos de trabalho. Dizendo de outro modo: as atividades perdem-se na memória, a educação pode desaparecer, mas não a formação.

### **3. A alma tem uma identidade**

A educação das crianças à guarda das instituições de auxílio deverá ser especial porque tem como objetivo sarar uma ferida. Como a educação acontece ao longo de muitos anos, não existe ainda o conceito de educação de urgência. O que aqui se propõe advoga uma intervenção educativa especialmente estruturada para potenciar a confiança que os jovens desvalidos da fortuna da nossa época têm em relação à vida e à comunidade. O objetivo realista é o de lhes dar a melhor educação possível de tal modo que o resto da sociedade possa também beneficiar dessa intervenção. O objetivo utópico é o de dar passos concretos para que o bailado absurdo de dano e bondade chegue ao fim mais cedo do que tarde.

A quebra dos laços de confiança entre órfãos e abandonados com a sociedade tem efeitos terríveis na sua identidade. As pessoas têm e merecem ter uma identidade, e uma identidade forte. O drama português contemporâneo é, contudo, terrível. O ataque à identidade na nossa época vem de várias frentes. O que aqui se recomenda para as crianças à guarda de instituições de acolhimento poderia também ser aplicado às crianças do ensino regular. Está tudo contra uma educação com identidade. São muitos os exemplos. Apesar de Portugal ser um país que fala uma língua novilatina, não há nenhum apoio especial ao ensino das raízes da sua própria língua e cultura. Se não se veio de sítio nenhum, não se tem identidade cultural própria. Isto é escandaloso, sobretudo quando se repara que países não novilatinos, como a Alemanha e a Finlândia, atribuem às línguas clássicas um peso que envergonha o ensino português. Os portugueses falam uma língua novilatina e têm uma forma de estar no mundo que deriva de Atenas, de Roma e de Jerusalém. Que referências clássicas da cultura ainda apareçam, como os clássicos greco-latinos ou a Bíblia, é uma esperança que todos os dias se vê que não tem fundamento. Toda a educação deverá ser acompanhada pela cultura que dá identidade, que ajuda a pessoa jovem a desenhar os traços do seu próprio rosto.

Este é um desafio infinito, certamente, mas cada guardião institucional e cada professor deverá abraçá-lo no seu campo de intervenção. Talvez uma aula de Informática possa começar por uma referência à resolução de problemas de modo criativo, seguindo o exemplo de Ulisses, o herói de mil artifícios. Muitos exemplos de conciliação do perene com o efémero poderiam ser dados, mas, como é evidente, só se tenta a conciliação se se conhece o perene; caso contrário, o efémero faz desaparecer toda a formação. É obrigação de todos os guardiões e educadores fazerem muito melhor a este respeito do que as orientações que lhes chegam de Lisboa. Estas orientações há muito tempo que se esqueceram das raízes do que importa. Os comentadores destes assuntos estão sempre a falar dos pilares da formação dos jovens, como a língua portuguesa. Com o Português estamos conversados: os alunos portugueses escrevem habitualmente mal porque quase nunca contactaram com a língua latina; sem esta base, não há nada a fazer.

De modo lapidar: a formação tem de dar identidade aos jovens desvalidos.

#### 4. Objetos transfigurados

A terceira recomendação para uma formação dos jovens que são auxiliados é a de descer à terra. A cultura educativa portuguesa teve sempre uma grande dificuldade em lidar com as profissões humildes. A cultura superior nunca valorizou o pequeno ofício. É difícil um professor encontrar alguém que consiga dizer rapidamente meia dúzia de nomes de grandes mestres artesãos que tenham trabalhado no Palácio de Mafra, no Mosteiro da Batalha ou na construção do Palácio da Ajuda. Repare-se como no panteão dos vultos da cultura portuguesa não consta nenhum artífice do génio de um Fabergé. Se a isto se acrescentar que mesmo as pessoas mais cultas não têm vontade nenhuma de saber quem foram os mestres das indústrias da pedra, do vidro, do móvel, do cabedal, do livro e da porcelana, só para dar alguns exemplos, vê-se imediatamente como a educação portuguesa está a planar muito alto, demasiado alto, longe da vida que se vive todos os dias. Este é um problema de muitos países ocidentais mas que se manifesta de um modo especialmente dramático na cultura educativa portuguesa. Tudo sabe a pouco. O universo da educação não é exceção a este respeito. Os jovens sonham em vir a ser advogados, médicos ou engenheiros, e não parece haver ninguém que aspire a fazer uma porcelana perfeita, ou um móvel elegante, ou um trabalho em metal que possa rivalizar com uma armadura de um príncipe renascentista ou com uma espada samurai. Esta situação é uma desgraça para todos os portugueses porque significa que vivem e ensinam a viver longe do real, no meio de conceitos abstratos. Falta à educação portuguesa um olhar japonês sobre o mundo. Wenceslau de Moraes não é lido e amado como deveria ser. Todas as terras têm jardins e jardineiros, mas já não sabemos como transformar esses objetos em vias de acesso ao espírito. Há muitas pessoas que bebem chá, aqui e em muitas partes do mundo, mas a perfeição na arte do chá e a compreensão de que está aí um caminho que pode levar ao espírito é coisa completamente distante do entendimento habitual.

Isto é um paradoxo porque, precisamente, a cultura ocidental está cheia de exemplos de amor profundo pelo domínio de um objeto ou de um instrumento, qualquer que ele seja. Onde está o chá, ou onde está o jardim japonês, é possível colocar o vitral das catedrais da Idade Média, a arte dos metais dos metalúrgicos do Renascimento, e a arte



do móvel do século XVIII. O domínio do instrumento é uma batalha infinita que está na origem da civilização ocidental. O poeta grego Píndaro cantava os atletas que, contra todas as expectativas, venciam as competições. Quando se vence uma competição de um modo improvável, só se pode ver aí uma manifestação do espírito. Os gregos, de que todos os portugueses são filhos e herdeiros, tinham a noção de *areté* para denominar a excelência que podemos alcançar em pequenos aspetos da vida: a *areté* de um guerreiro, a *areté* de um músico, a *areté* de um médico, a *areté* de um estadista, a *areté* de um professor. Um violino ou um piano não são apenas instrumentos musicais; são vias de acesso ao mundo do espírito.

O que mais escandaliza ao olhar para a educação que se tem em Portugal é ver nela uma coleção de brinquedos para crianças mimadas. O microscópio que Jacob de Castro Sarmiento ofereceu à Universidade de Coimbra no século XVIII foi multiplicado por milhares de instrumentos, mas nada parece ser suficiente para as crianças mimadas. A fatia do orçamento de Estado para a Educação é das mais generosas. Milhões largos de euros são todos os anos injetados nessa atividade, mas nunca é suficiente. Os educandos podem ter aulas de música, mas não têm nenhum mestre que puxe por eles e que lhes mostre que uma banal flauta é uma via de acesso ao mistério. Podem ter desporto na escola, mas não há nenhuma exigência para o domínio espiritual dessas atividades. Podem ter trabalhos manuais ou oficinais, mas nunca lhes passa pela cabeça que um trabalho em barro, metal ou madeira os pode tornar inesquecíveis. As escolas e instituições têm oficinas, têm barro, têm metal e têm madeira; o drama português, contudo, é a educação ter perdido a ligação com o espírito. Falta um olhar grego e japonês sobre as coisas, um modo de reparar que tudo é terra de conquista, que tudo à nossa volta pode ser transfigurado pelo trabalho humano – a pedra tosca, o metal rude, o vidro banal, o violino partido, o jogo desportivo. Existiu essa grande tradição no Ocidente com os modelos greco-latinos, com a vida monástica, com as artes mecânicas do Renascimento, com os mestres de ofício do século XVIII, mas perdeu-se, infelizmente. A sua falta faz-se sentir penosamente. Os jovens portugueses vivem desemparrados numa orfandade cultural sem fim à vista.



Este é um grande desafio para qualquer instituição de tamanho médio. Curiosamente, é um desafio que está ao nosso alcance. Não são necessários microscópios caros nem mais uma reforma dispendiosa. É apenas necessário respeito pelo trabalho humano e a crença em que esse trabalho pode transfigurar qualquer objeto. Um mestre artesão é um bem no nosso mundo. Vivemos rodeados de objetos produzidos em série e que não alimentam a ânsia humana de perfeição. Os objetos únicos atingem preços incalculáveis junto dos conhecedores. Não se vê muita gente a falar sobre isso, talvez porque a cultura pública nacional só se satisfaz ao serviço dos que sabem mandar fazer as coisas. A receita, se uma receita é precisa, é a de voltar aos objetos. Nosso Senhor quando fez alguns dos Seus milagres não escreveu no azul do céu nem alterou a posição das montanhas. O pão modesto, o peixe que é sempre igual e o vinho que todos conhecem foram os objetos transfigurados pelo Espírito. As nossas oficinas escolares precisam também de espírito. Que o trabalho de metais, o projeto elétrico, a encadernação de livros antigos, o móvel e tantos outros ofícios sejam iluminados pelo trabalho humano. Esses objetos poderiam ser um dos mais nobres projetos educativos que uma instituição pode abraçar. O mundo iria ver esses objetos com muita atenção. Um automóvel não custa milhões de euros, mas um violino Stradivarius ou del Gesù pode custar milhões de euros.

De modo lapidar: a formação com alma e identidade que as instituições de acolhimento e de formação outorgam deverá conectar as cabeças com as mãos. Esta é uma intervenção educativa especialmente urgente porque o modelo dos programas educativos contemporâneos visa separar as cabeças das mãos.

## 5. Desistentes

A quarta recomendação é esta: não desistir. Se durante séculos a educação portuguesa andou como pedinte atrás da esmola da modernidade, com a obsessão doentia de os portugueses serem modernos como os outros povos, isso significa que deixaram de fazer a sua própria civilização. O que parece aos portugueses digno de constituir um conteúdo para a educação dos seus filhos vem de fora. Abdicou-se de fazer uma cultura própria e um modo de viver que possa ser considerado uma civilização. As pessoas vivem tão afastadas desse ideal que qualquer sugestão nesse sentido só pode ser recebida com incre-

dulidade. E, no entanto, dever-se-ia perguntar, por que razão os portugueses vivem como desistentes, com uma cultura emprestada, com uma civilização que lhes é imposta sem que tenham alguma coisa a dizer? No tempo da Geração de 70, Eça de Queirós dizia que a cultura chegava de Paris em caixotes transportados pelo comboio; hoje chegam formas de viver pela televisão e pelo computador que ofendem as pessoas bem-formadas, sem que nada possam fazer, aparentemente. As crianças portuguesas sabem mais de história norte-americana do que de história portuguesa e os seus sonhos não têm muito a ver com a terra que luta por eles. Isto é um absurdo completo! Isto é indigno de todos nós! Somos os desistentes e já desistimos de fazer uma civilização própria! Vive-se hoje com a espinha dobrada pela razão mais simples, que é esta: os que desistem de fazer a sua própria civilização têm de aceitar a civilização dos outros, quem quer que sejam.

Há uma civilização portuguesa, certamente, mas a questão não se coloca aí. Mesmo que não houvesse nenhuma civilização portuguesa, é imperativo dos formadores trabalhar na convicção de que existe uma ao alcance de cada jovem português. Se não há uma, é obrigação de cada instituição auxiliar a criá-la! Quando se viaja por essa Europa fora repara-se facilmente nos sistemas educativos que presumem uma civilização nacional. Não se sabe se há uma civilização basca; mas sabe-se que os bascos vivem com o desejo intenso de a construir. Não se sabe se há uma civilização catalã, mas sabe-se que os catalães exigem a ideia de uma civilização catalã. A Rússia pós-comunista poderia ter-se tornado mais uma terra McDonald's; as máfias e todos os outros vícios do Ocidente entraram lá, mas há uma alma russa que não se perdeu. O Japão recebeu contra a sua vontade as coisas do Ocidente estrangeiro; trabalhou-as para os seus fins e nunca vendeu a sua alma. A China, apesar de se ter tornado a fábrica do mundo, manteve a sua identidade própria. Os exemplos poderiam continuar facilmente. Hoje em Portugal educam-se as crianças como se o país não tivesse alma própria e nacional. Está tudo contra os Portugueses, sobretudo os seus próprios governantes, que aparecem muitas vezes de mão estendida aos interesses estrangeiros. O país tem feito maus negócios, e vai levar muito tempo até conseguir endireitar a sua espinha. É provável que já não consiga.

De modo lapidar: não desistir é o maior tesouro que se pode dar a quem parece ter perdido quase tudo. Esta é uma lição para a vida.

## 6. Uma cultura física tocada pelo espírito

Uma quinta recomendação tem a ver com o desporto. As boas artes marciais tinham de desaparecer do panorama educativo nacional porque todas as coisas do espírito também desapareceram, tendo ficado uma educação mediana que só dá para os portugueses serem bons operários nas fábricas da Alemanha ou na construção civil de França ou trabalharem nos laboratórios americanos. Um tabuleiro de xadrez, umas sapatilhas desportivas, um pedaço de barro, um bloco de madeira, um pincel, um jardim, uma cozinha, um arranjo floral ou um computador são portas de acesso ao espírito. A boa educação tem de colocar na alma dos jovens a missão nobre da transfiguração da matéria. Um país que nasceu durante as campanhas esforçadas contra o mundo do Islão teve o auxílio das ordens monásticas de cavalaria espiritual. A arte da espada deveria ser o desporto nacional dos portugueses, e não o entretenimento inglês a que se chama futebol. Os pseudo-educadores portugueses não têm nenhum sentido do espírito e a esgrima parecer-lhes-ia coisa violenta. Uma espada é como um violino ou uma equação matemática: existe para auxiliar as pessoas a iluminar a matéria por dentro. A educação física portuguesa é como toda a outra educação: um hambúrguer McDonald's para se ir vivendo uma vidinha emprestada em que nunca se pode vir a ser senhor. A espada não está nos currículos escolares portugueses; a equitação também não; o varapau do norte nunca marcou presença; a nobre arte do arqueiro é coisa que nunca se cultivou seriamente; a vela é uma ausência chocante num país com tradições riquíssimas de marinharía. Tudo isto causa espanto. É praticamente impossível ter um estabelecimento de ensino na nossa época, qualquer que seja o seu nível, ou uma instituição de acolhimento, sem um edifício dedicado ao exercício físico. Estas coisas derivam dos erros do século XIX, das teorias pseudocientíficas que afirmavam que a raça estava degenerada, e das teorias também erradas que se propunham resolver esse problema inexistente com higiene social, com educação física e com medidas de profilaxia eugénica. Estes erros deram origem ao exercício físico escolar. Esta coisa boa, contudo, é como o microscópio que Castro Sarmiento ofereceu à Universidade de Coimbra: vem de fora e não tem nenhuma ligação à alma lusitana nem ibérica. O que existe não passa de mais McDonald's dos ginásios e dos campos de treino. Essas atividades coletivas sem alma nunca darão felicidade aos portugueses.

É devido à natureza das coisas que assim seja. Portugal poderia ter uma educação física com desportos que dissessem alguma coisa às pessoas que vivem nesta parte do mundo. O mar diz muito; os rios dizem muito; as florestas dizem muito; as planícies dizem muito. Não existe desporto escolar para nada disto; talvez se encontrem algumas exceções a este diagnóstico, mas não são relevantes. Será possível ver que a educação portuguesa começa a ter alma quando se vir desaparecer as atividades norte-americanas e inglesas dos ginásios portugueses. Se não existir criatividade suficiente para redescobrir as riquíssimas tradições ibéricas, ainda é possível recorrer ao património greco-latino.

De modo lapidar: os jovens educandos têm de viver sabendo que têm memória e que pertencem a uma terra.

### 7. A cultura vem da terra

Falou-se de desporto, mas é possível generalizar esta questão educativa a outros domínios. *A educação que hoje se dá aos jovens portugueses não tem terra, não tem raízes, não pertence a sítio nenhum.* Estudar em Braga ou Guimarães é a mesma coisa que estudar em Coimbra, Lisboa, Beja ou Funchal. Não há qualquer ligação forte à terra. As cidades fluviais não aproveitam esse facto para as suas atividades; a educação física não quer saber disso para o remo, a canoagem ou a vela. Só desenvolve desportos que não dizem nada à alma do povo português e que não exprimem o seu espírito. As pessoas foram levadas a pensar que os entretenimentos estrangeiros do futebol e do basquetebol são para todos os povos. Misericordiosamente, as pessoas foram poupadas à qualificação que se deve acrescentar: entretenimentos para todos os povos *colonizados ou sob protetorado*. As lezírias e as grandes planícies do sul têm ótimas condições para a equitação; como não se veem de Lisboa, é como se o assunto não existisse. O centro e o norte têm bons locais para orientação, para alpinismo e para espeleologia. Como também não se veem do Terreiro do Paço, é como se não existissem. O ensino oficial está de costas voltadas para todas essas oportunidades de se promover uma educação com alma. A verdadeira educação vem da terra porque a cultura também vem da terra. O exemplo do desporto deve, pois, ser alargado a todas as matérias relevantes. Seria bom ver uma aula de Matemática a lecionar trigonometria com o auxílio dos edifícios antigos. Seria bom que as aulas de História de todo o país incluíssem sempre um módulo sobre

a história local do município onde as pessoas vivem, valorizando os muito esquecidos autores de monografias locais. O limite é a imaginação. Uma educação sem terra onde tenha raízes só dará o triste espetáculo da emigração. As pessoas vão-se embora porque, atormentadas pela procura do pão, não têm nenhuma fidelidade à terra que as viu nascer. Não há nenhuma razão para que este destino triste atormente cada geração de Portugueses como se fosse uma lei da natureza. Muitos países mais pequenos e mais pobres em recursos naturais não entendem a emigração dos seus filhos como uma inevitabilidade. Os poderes que estão em Lisboa sempre toleraram esse cancro da história portuguesa; bem vistas as coisas, esse cancro até lhes deu jeito para disfarçar a sua incompetência como governantes. Os portugueses fora de portas não fazem estragos nem pedem coisas. Esta sangria constante de emigrantes, órfãos políticos e culturais, tem de terminar. A educação que se está a dar aos jovens não está a resolver o problema. Os cursos superiores são baratíssimos em Portugal, mas custam muitíssimo aos contribuintes portugueses. Os licenciados já não estão para se contentarem com um nível de vida pouco confortável; como receberam uma educação sem raízes na terra portuguesa, vai daí que embarcam apressadamente para o estrangeiro. Não se esperaria outra coisa de crianças mimadas ou de crianças desamparadas.

## 8. Conversão dos educadores

Perante estas recomendações educativas pouco convencionais, justificadas pela urgência da intervenção junto de jovens à guarda de instituições de acolhimento, que nada querem saber das estatísticas do ministério nem de *rankings* internacionais, o que fazer? As tradições religiosas atribuem um papel muito importante à conversão. Com a educação, é necessária também uma conversão. Mais uma reforma educativa não conduzirá a sítio nenhum. As reformas são coisas que funcionários que não conhecem nem a vida nem o espírito se entre-têm a fazer nos seus gabinetes das 9 às 5 da tarde. Nunca será uma coisa séria. Muitas mais reformas aparecerão no futuro. Nada de bom há a esperar delas. Far-se-á muita coisa para nada. É necessária a conversão dos educadores. Essa conversão começa quando se repara que não se está a ser feliz com a educaçãozinha que se recebe e que se anda a transmitir. Se as pessoas se sentissem felizes, então deveriam continuar a fazer o que se tem andado a fazer em Portugal nos últimos

três séculos. Como se sentem infelizes, talvez seja altura de agarrar no livro, ou no violino, ou no microscópio, ou na espada, ou na bola, ou na aula, ou na oficina, com outros olhos.

A pergunta inicial era a de como sarar uma ferida de confiança. Agora a resposta é evidente. Pode fingir-se que o assunto é muito complexo e que há muitos parâmetros a considerar. Nada disso. A questão é maravilhosamente simples. Trata-se de escolher entre viver com a espinha dobrada ou com a espinha vertical. Trata-se de escolher entre uma educação de pedinte e uma educação de senhor. Trata-se de viver uma vida emprestada ou de viver uma vida própria. Trata-se de escolher entre usar os objetos ou tomar-se cada objeto como uma porta de acesso à luz do espírito. Colocar a luz nessa escuridão é o único fim da educação. É a isso que se pode chamar sarar a ferida da confiança.

Voltemos, pois, aos desafios iniciais: viver num mundo em que o dano não aconteça, em que a bondade não seja precisa e em que todas as pessoas se espantem por acontecerem em sociedades avançadas coisas que pareciam exclusivas de séculos pouco ilustrados. A formação com alma pode não ter a força suficiente para acabar com o dano e com o mal no mundo. Talvez. Mas jovens formados com alma só poderão aumentar o poder da bondade. Está ao alcance de cada um auxiliar a escrever a página, a modesta página, que os Victores Ribeiros do futuro irão dedicar ao nosso tempo e ao que agora andamos a fazer. O assunto desse livro futuro poderá ser este: o bailado absurdo do dano e da bondade acabou no Portugal do século XXI. É esta esperança que devemos transmitir às crianças e jovens à nossa guarda.<sup>118</sup>

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Carlos Castaneda, *A separate reality*, London, Arcana, 1990.

Paula Torres de Carvalho, 'Aumentam na Europa os bebés abandonados em 'rodas' modernas', in *Público*, 11 de junho de 2012.

Victor Ribeiro, *História da beneficência pública em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1907.

---

118 Agradeço ao Dr. Manuel Matias e ao Prof. José Eduardo Franco o amável convite para apresentar esta comunicação no Congresso internacional *O superior interesse da criança no processo de adoção: realidades, desafios e mudanças*, Lisboa, de 9-11 de abril de 2013, e a muito generosa hospitalidade com que me receberam. Tive também oportunidade de expor algumas destas ideias no Colóquio *Educar na responsabilidade*, organizado pelo Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, Fratrum Scholarum Christianorum (congregação dos Irmãos de La Salle), Colégio de São Caetano, Braga, a 1 de março de 2013. Agradeço ao Irmão César Martín a generosa hospitalidade com que me recebeu.